

O tour da Bahia: o manuscrito de Boniface Bellons e a literatura de viagens europeia do início do século XIX

Frederico Tavares de Mello Abdalla¹

No acervo da Biblioteca Nacional, encontra-se digitalizado um extenso manuscrito intitulado *Description of a Voyage to Bahia*, atribuído a um desconhecido inglês de nome Boniface Bellons.² Trata-se de um relato de viagem, datado de 1824, que narra o percurso marítimo desse viajante-escritor desde Liverpool até a Bahia com diversas impressões, descrições, reflexões e comentários pessoais sobre a travessia atlântica, o cotidiano do navio, os locais por onde passa e as pessoas, a cultura e a história do Brasil, recém independente de Portugal. O texto, escrito de próprio punho, se alonga por duzentas e sessenta e três páginas sem quaisquer divisões internas, tampouco um índice de assuntos, contando apenas com a numeração das folhas. O estado do documento, de forma geral, é razoável e apresenta leitura sem grandes dificuldades, apesar de algumas folhas encontrarem-se manchadas e de difícil decifração.

Acerca do autor, pouco se sabe. O arquivista da Biblioteca Nacional, que datilografou uma folha introdutória ao manuscrito, comenta que nada encontrou nas fontes que consultara. Sabe-se apenas o seu nome, devido ao fato do próprio autor revelá-lo em algumas passagens da segunda metade do manuscrito³. Ainda assim, até o presente momento, não se encontrou quaisquer informações a respeito da história da escritura desse texto, tampouco dados biográficos de seu autor, o que permite levantar a hipótese de se tratar de um pseudônimo, algo relativamente comum no mercado editorial europeu de livros de viagem dos séculos XVIII-XIX.⁴ O fato do documento não ter sido publicado na época certamente favoreceu, ao longo dos anos, um obscurecimento ainda maior acerca de sua autoria e confecção. Assim, sua identidade, bem como seu histórico textual

¹ Doutor em História das Ciências pela Casa de Oswaldo Cruz (2017) e bolsista do Programa Nacional de Apoio ao Pesquisador da Biblioteca Nacional (2018-2019).

² BELLONS, Boniface. *Description of a Voyage to Bahia*. [S.l.: s.n.], 1824. CDD 918.142. Acesso: http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=42019

³ BELLONS, *Op. Cit.*, pp. 160, 167, 172.

⁴ Por exemplo, o oficial escocês James Ferrier escreveu um livro intitulado *Sketches of Society and Manners in Portugal* (1777-1778) sob o pseudônimo William Costigan; na França, o Barão de Cormatin Pierre Desoteux publicou a *Voyage du ci-devant duc du Chatelet en Portugal* (1798), sob o pseudônimo Duque du Chatelet.

enquanto exemplar do gênero literatura de viagens permanecem como campos de pesquisa a serem explorados pelos estudiosos.

Diante desse quadro de pouca concretude externa ao texto, pode-se perguntar que interesse um documento obscuro como esse poderia ter para os historiadores? Que motivações levariam a sua abordagem? Em primeiro lugar, pode-se destacar que uma das funções dessa pesquisa é tornar a *Description of a Voyage to Bahia* visível à comunidade de historiadores, apresentando sua transcrição e fazendo de imediato ampliar o número até então conhecido de visitantes do Brasil e, mais especificamente, da Bahia do século XIX. Embora inicialmente motivador, o ineditismo, por si só, não é suficiente para justificar uma pesquisa.

Em segundo lugar, partindo para o âmbito analítico, cabe iniciar uma aproximação com o texto de Bellons e contextualizá-lo no conjunto europeu e britânico dos inúmeros escritos de viagens sobre o estrangeiro de finais do século XVIII e início do XIX. As abordagens podem ser múltiplas e mobilizam áreas diversas, tornando-a uma fonte praticamente inesgotável como é a literatura de viagens. Um pressuposto de análise a se levar em conta é que toda descrição de lugares e pessoas está condicionada a uma motivação prévia, a um repertório conceitual e às expectativas que antecedem a presença física do viajante, bem como a um campo discursivo estabelecido em um lugar e uma época.

Por fim, deve-se também inscrever o texto de Bellons nos debates teóricos atuais acerca da literatura de viagens, os quais procuram compreender os textos de viajantes do século XVIII e início do XIX como gêneros híbridos e abertos e onde matrizes como erudição, ciência e arte se entrecruzam, ainda que em um período de progressiva especialização desses campos em disciplinas separadas. Nesse caso, é preciso atentar para a forma, o estilo, o conteúdo, assim como para o contexto de produção e para a audiência a quem o autor se dirige.⁵

O contexto de Bellons e as viagens de conhecimento

⁵ Sobre esse debate, ver: CRISTÓVÃO, Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens. Edições Cosmos, Lisboa, 1999; e RUBIÉS, Joan-Pau. Travel writing as a genre: facts, fictions and the invention of a scientific discourse in early modern Europe. *The International Journal of Travel and Travel Writing*, 5 (33), 2000, pp. 5-33.

De partida, é preciso situar o relato de Bellons no seu contexto de produção: a Inglaterra da década de 1820. Trata-se de um período localizado no intermédio entre o maior período de realização de viagens ilustradas pelos europeus (1780-1810) e o período de maior produção de escritos sobre a Bahia e o Brasil por estrangeiros (1830-1860). Bellons, portanto, faz parte do quadro de viajantes britânicos e europeus que ajudaram a realizar as primeiras descrições do Brasil em um momento de transição entre a condição de colônia portuguesa e a formação de um país independente.

Com a abertura dos portos brasileiros às nações estrangeiras em 1810, pouco tempo depois da chegada da família real portuguesa, um sem número de viajantes, oriundos da Inglaterra, França, Áustria, Rússia, entre outros, visitaram o Brasil. Estavam facilitados pela navegação à vapor, os tratados comerciais e estimulados a reportarem o local, até então pouco conhecido na Europa, mas objeto de grande curiosidade. É preciso lembrar também que essa movimentação estava situada dentro de um amplo processo de busca de informações não só sobre a América, mas também África, Ásia e Oceania e articulava-se a formas de legitimação cultural da supremacia europeia sobre os demais povos, além de disputas imperialistas.

Os perfis sociais e econômicos desses viajantes, bem como seus objetivos, são diversos: missionários, comerciantes, militares, naturalistas, médico, artistas e aventureiros. Alguns percorreram diversas partes do território e fixaram-se por vários anos, enquanto outros estiveram apenas de passagem e conheceram apenas uma pequena porção deste. Alguns vieram com uma missão específica, patrocinado por instituições reais, enquanto outros vieram por iniciativa individual. As razões são inúmeras. Um dos casos mais famosos é o da Missão Artística Francesa, que aportou no Rio de Janeiro em 1816, apoiada por D. João VI, para difundir conceitos, técnicas e padrões artísticos em voga nas academias de arte francesas da época, consideradas do mais alto padrão de refinamento cultural. O pintor Jean-Baptiste Debret, por exemplo, se destacou dentro desse projeto como um grande observador da sociedade brasileira na época.

Nem todos produziram registros acerca de sua estadia, porém muitos deixaram suas impressões na forma de cartas, diários, memórias e relatórios, alguns intencionalmente elaborados para uma futura publicação enquanto outros apenas por prazer pessoal.

É preciso considerar que já existia na Europa do século XVIII, uma tradicional cultura de viagens de conhecimento, dentro e fora do continente, cujas origens podem ser remontadas ao contexto do “renascimento comercial”, ainda da Idade Média. A literatura

sobre essas viagens e suas transformações é considerável e pode ser retomada em outro momento. Para o âmbito desse artigo, o que deve ser destacado, com maior atenção, é a predominância de dois modelos conceituais de viagens de conhecimento: as “viagens eruditas” e as “viagens científicas”.

O primeiro é sintetizado na forma do *Grand Tour*, que, grosso modo, abrange inúmeras viagens de caráter privado protagonizadas pela aristocracia e burguesia abastada em direção à centros de cultura, educação e lazer espalhados em cidades da Itália, França, Suíça, entre outros. O objetivo dessas viagens vinculava-se a complementação de um processo educacional teórico que exigia também a vivência mundana, o aprendizado de uma nova língua, o refinamento dos gostos, o encontro com costumes diversos e a inserção de jovens de elite em novas redes de sociabilidade. Na Inglaterra seiscentista, o filósofo inglês Francis Bacon já assinalava o caráter aristocrático da viagem em um pequeno texto intitulado *Of Travel*. Para Bacon, viajar era uma parte fundamental da educação dos mais jovens e, para os mais velhos, uma forma de experiência.⁶ Os resultados dessas viagens poderiam ser publicados na forma de livros contendo mapas, itinerários, impressões, descrições e curiosidades.

Essas obras, de modo geral, caracterizam-se por uma escrita rebuscada, com amostras de citações em latim de autores da antiguidade clássica e digressões filosóficas particulares. O termo *Grand Tour* surgiu na obra do padre católico inglês Richard Lassels *Voyage or a Complete Journey through Italy* (1670), fruto de sua experiência como tutor acompanhando jovens da elite inglesa em diversas viagens à Itália e suas importantes Academias, Museus, Gabinetes e sítios históricos.⁷ Embora o destino mais importante dos ingleses fosse a Itália, especialmente Roma e Nápoles, o *tour* contemplava também a passagem por locais culturalmente importantes como Paris e outras cidades da Suíça, Holanda e Alemanha.

Na segunda metade do século XVIII, essas viagens deixaram de ser exclusividade das elites aristocráticas e passaram também a incluir membros da burguesia abastada.⁸

⁶ “Travel, in the younger sort, is a part of education, in the elder, a part of experience”. BACON, Francis. *Of Travel*. In: *Essays of Francis Bacon*, edited by Mary Augusta Scott, New York, 1908, pp. 79-82.

⁷ Apesar do termo ter surgido na obra de Lassels, o fenômeno europeu do *Grand Tour* remete aos séculos XVI-XVII. No mundo britânico, por exemplo, alguns editores, teólogos e filósofos já haviam escrito nesse período instruções e conselhos de viagem para a aristocracia como Richard Hakluyt, Samuel Purchas, James Howell e John Locke.

⁸ É importante lembrar que a classe burguesa já estava presente nas viagens holandesas desde o século XVII. Sobre isso, ver VERHOEVEN, Gerrit. Calvinist Pilgrimages and Popish Encounters: religious identity and sacred space on the Dutch *Grand Tour* (1598-1685). *Journal of Social History*, Vol. 43 no. 3, 2010, pp. 615-634.

Nesse período, há uma crescente alteração nos objetivos de realização dos périplos, passando-se a ter cada vez menos espaço para o estudo prolongado em determinados locais em detrimento de passagens mais rápidas estimuladas pelo lazer que, a partir de finais do século XIX, vai se transformar no turismo organizado. Embora esteja em curso uma profunda transformação do *Grand Tour*, mesmo em meados do século XVIII ainda era possível encontrar casos de viagens focadas em estudos prolongados e na busca de experiência formativa em Cortes, Universidades e Academias.⁹

Já o segundo modelo de viagem são as “viagens científicas”. Estas são caracterizadas por um objetivo mais específico: coletar informações, descrever e desenhar espécimes vegetais, animais e minerais e fazer observação dos astros, clima, solo, etc. Essas jornadas podiam ser patrocinadas por alguma instituição ou serem realizadas no âmbito particular, sendo protagonizadas por atores diversificados como navegadores, militares, clérigos e naturalistas, previamente instruídos e à serviço de alguma missão política ou religiosa. As viagens científicas mais exemplares do século XVIII foram as grandes viagens de exploração pelo Pacífico e ao redor do globo como as do inglês James Cook e do francês Louis de Bougainville. Havia também as viagens científicas de exploração territorial patrocinadas pelos reis como parte de um processo de reconhecimento de seus domínios coloniais. Um exemplo do caso português é a expedição de Alexandre Rodrigues Ferreira pela Amazônia e o Mato Grosso no Brasil entre 1783 e 1793. Embora as viagens científicas em locais distantes da Europa sejam as mais emblemáticas, elas não se realizavam com tanta intensidade quanto as do interior da própria Europa.

Nesse período, o naturalista sueco Lineu, autor do *Systema Naturae*, foi uma figura central na construção de um instrumental teórico e metodológico sobre a observação da natureza. Lineu havia elaborado um método rigoroso de classificação de todas as plantas existentes no globo e, ao longo dos anos, estabeleceu uma sólida rede de trocas de informações botânicas, zoológicas e mineralógicas. O naturalista enviava constantemente seus alunos para jornadas na Europa e no estrangeiro a fim de recolherem plantas, animais e minerais para o Jardim e o Gabinete Real de Uppsala. Um dos seus projetos envolvia testes de aclimação de espécimes exóticas em países frios, visando a possibilidade de tornar a Suécia economicamente autossuficiente.

⁹ Sobre isso, ver ILLIFFE, Robert. Foreign Bodies. Travel, Empire and the Early Royal Society of London. Canadian Journal of History, XXXIII, 1998, pp. 357-385.

Além de observarem e coletarem, os viajantes cientistas também deveriam registrar os passos de suas andanças e observações, de modo a ampliar a base de dados empíricos da comunidade científica. O registro das observações *in loco*, posteriormente se transformariam em memórias e compêndios a serem consultados e questionados pela comunidade científica. Os textos resultantes dessas observações eram marcados pelo ideal de objetividade e recheadas de um vocabulário próprio da história natural. A crítica literária Mary Louis Pratt avalia que o sistema de Lineu teve profundo impacto tanto na escrita da viagem quanto no modo dos europeus perceberem-se no mundo, assinalando então uma relação indissociável entre um modelo científico de classificação dos objetos da natureza e os processos literário envolvido no registro da viagem.¹⁰

Apesar dessa separação didática entre viagens “eruditas” e “científicas”, o que é notável no século XVIII e início do XIX é que essas características muitas vezes se mesclam e se confundem. Ao se observar de perto, caso a caso, percebe-se que muitos *tourists*, movidos pelo objetivo central de se educarem, acabaram por acrescentar à investigação da história natural, assim como muitos naturalistas, movidos pelo objetivo de investigarem natureza, acabaram se destacando na observação dos costumes, das artes e das línguas.¹¹ O fato é que ainda não havia uma distinção clara entre educação e investigação, tampouco uma compartimentação entre áreas do saber, pertencendo todas essas atividades do saber a uma matriz epistemológica de base humanista e iluminista.

Ainda que predominante até meados do século XIX, é preciso notar também que foi a partir segunda metade do século XVIII que essa matriz epistemológica iluminista do *Grand Tour* e das viagens científicas passou a sofrer suas primeiras ressalvas ao seu modo estritamente racionalista de ver e interpretar os objetos do mundo natural. Essas manifestações, frequentemente enquadradas como “pré-românticas” ou, a partir de 1780-1790 como propriamente “românticas”, passaram a valorizar cada vez mais as subjetividades e a interioridade do ser humano. No entanto, longe de anularem o pensamento iluminista, acabaram por herdar sua matriz intelectualista e influenciá-la em diversas esferas. Essas novas expressões do pensamento não constituíam um movimento homogêneo de ideias e apresentavam-se sob diversas formas nos campos da filosofia, da ciência, da literatura e da estética.

¹⁰ PRATT, Mary Louis. Os olhos do Império. Edusc, Bauru/SP, 1999.

¹¹ Sobre isso, ver ABDALLA, Frederico Tavares de Mello. A Arte de Viajar: erudição e ciência na literatura de viagens sobre Portugal da segunda metade do século XVIII e início do XIX. Tese de Doutorado, Casa de Oswaldo Cruz, 2017.

O pensamento e a sensibilidade (pré) romântica partiam de um outro esquema intelectual: o reconhecimento prévio da impossibilidade epistemológica de dissociação total entre sujeito e objeto de conhecimento. Ao contrário, afirmavam que o mútuo envolvimento entre essas instâncias era essencial para se atingir um saber integrado. Tratava-se, portanto, de uma crítica da razão iluminista e seu instrumental matemático e sua pretensão de instituir de forma absoluta as possibilidades de cognoscência. No bojo dessa crítica vinha também a valorização da intuição e da imaginação como meios fundamentais de acesso a natureza ao lado da razão.

Tendo em vista esse panorama dos tipos de viagens realizadas na Europa do século XVIII e início do XIX, seus princípios gerais, objetivos e práticas, é possível retomar o manuscrito de Bellons, objeto central aqui, começando por enquadrá-lo no entrecruzamento dessas três matrizes culturais-intelectuais: o *Grand Tour*, a viagem “científica” e o romantismo. Todavia, dessas três matrizes, o que fica evidente na leitura do texto do viajante-escritor, é que a primeira ainda permanece como a dominante, embora não exclusiva.

O texto e o olhar de Bellons

Que motivações levaram Bellons a viajar e a escrever? Por quais razões o fazia e para quem? Escrevia para si ou para os outros? Essas questões servem de ponto de partida para se compreender os interesses em jogo na elaboração de seu relato e na conformação da paisagem natural e social que se propõe a apresentar. Diante da ausência de fontes externas ao manuscrito, é preciso então atentar para o texto e seus indícios na busca das respostas à essas perguntas.

Uma pista, acerca disso, encontra-se já nas primeiras linhas, redigidas em estilo diarístico, onde viajante informa ter partido de Liverpool no navio Golden Fleece, por iniciativa própria, no dia 1 de fevereiro de 1824, horas após despedir-se de suas irmãs e irmãos. Em seguida, declara estar em sua primeira viagem de longa duração e a primeira rumo a um país estrangeiro e confessa, até então, ter vivido uma vida sem grandes interrupções.¹² Como o autor não indica o objetivo específico acerca de sua viagem, sugere-se então que a sua motivação central teria sido a de viver uma nova experiência, obedecendo o padrão de muitos outros *tourists* britânicos de sua época.

¹² “This was the first time too I had left “Home” with the prospect of being absent from it for a longer period than a few weeks [...]” Bellons, *Op. Cit.*, p. 1.

Após cinquenta e nove dias, Bellons aportaria na Bahia, tendo feito escalas em Milford (noroeste de Gales) e na Madeira (Atlântico). Muitos dos fatos e impressões narrados seu texto parecem ter sido registrados dentro desse percurso. Outra parte, possivelmente, foi elaborada já em terra, no Brasil. Acerca das motivações de sua escrita, o viajante afirma em certa passagem, não escrever “por fama, recompensa ou encomenda, mas sim por diversão”, complementando, na sequência, que seria preciso “aproveitar a vida”, tal como “jolly-gay-pedlar”, personagem de uma canção irlandesa de William Reeve que fez questão de transcrever.¹³ Apesar de afirmar não estar comprometido com qualquer coisa além de seu entretenimento pessoal, é possível identificar diversas passagens onde Bellons projeta um interlocutor, além dele mesmo, e demonstra preocupação com seu leitor, não fazendo do texto um mero diário particular, mas também apresentando juízo crítico sobre outros viajantes e procurando trazer informações objetivos e concretas de interesse coletivo.

Esse tipo de justificativa em que o viajante afirma “escrever sem segundas intenções”, nota-se, era comumente utilizada por outros autores de livros de viagens dos séculos XVIII e XIX. O arquiteto irlandês James Murphy, por exemplo, escrevera em suas *Travels in Portugal* (1795) que intencionava usar seus escritos apenas para fins pessoais e que, somente após insistentes pedidos, resolveu torná-los públicos.¹⁴ É possível interpretar esse argumento como um recurso discursivo para fazer o relato transparecer mais espontâneo e autêntico, além de escusar o viajante por eventuais deslizes informativos. Da maneira que escreve e, de acordo com as menções que faz, Bellons segue a tendência dos *tourists* da elite europeia, que visavam atender um público letrado, nem tão especializado quanto o dos naturalistas e nem tão superficial ou sensacionalista quanto o dos consumidores de aventuras em terra exóticas.¹⁵

Partido para a relação dos temas abordados, ainda que como visto acima, a preocupação com dados da natureza, ao longo do século XVIII e início do XIX, estivesse passando a ser cada vez mais comum entre os *tourists*, esse não é o caso de Bellons. Em certa passagem, o autor, ao contrário, ressalta não estar habilitado a oferecer informações

¹³ “I neither write for fame or hire, but for fun – and crave neither honour or reward – I should just like the life of the jolly gay Pedlar”. *Idem, Op. Cit.*, p. 18.

¹⁴ MURPHY, James. Viagens em Portugal. Trad., pref. e notas por Castelo Branco Chaves, Livros Horizonte, Lisboa, 1998, p. 22

¹⁵ Essas audiências vinham se constituindo cada vez mais em campos separados, porém ainda nas primeiras décadas do século XIX muitas vezes compartilhavam das mesmas leituras.

relevantes para mineralogistas, ornitologistas, botânicos e zoologistas, inclusive se considerando um “estúpido” nessas matérias.¹⁶

As menções do viajante apontam para longe da história natural: James Henderson, Henry Koster, Maximilliano de Wide-Neuwied e Maria Graham. Todos estes foram viajantes eruditos europeus que haviam escrito sobre a paisagem política, histórica, social e cultural do Brasil. Bellons vai por esse caminho. Além desses, há também citações do poeta romântico Byron e diversas referências a grandes nomes personagens da literatura como Cervantes, D. Quixote e Sancho Pança e William Shakespeare que servem, em diversas passagens, de inspiração para a leitura da realidade com que o viajante se defronta. Essas referências servem de base para indicar o ambiente intelectual que Bellons procura se inserir e dialogar, bem como o repertório prévio acumulado pelo viajante, ainda na Inglaterra. Essa bagagem literária certamente influenciaria o seu modo de enxergar, narrar e perceber o país, tal como fica evidente em suas analogias na descrição das pessoas e da história da Bahia e do Brasil.

Além disso, esse quadro de referências de Bellons permite iluminar muito de seu *background* sócio-cultural. Sua origem social parece ser a de uma família abastada e com boa formação, o que se expressa pela familiaridade com obras clássicas como a de Horácio, Ovídio, além dos já citados Cervantes, Shakespeare e Byron e também suas transcrições de trechos de canções britânicas. Outro indício de seu pertencimento social e ideológico aristocrático é seu notável desconforto com a viagem em si, o que atesta a ausência de familiaridade com privações típicas de um grande deslocamento por mar. Bellons, inclusive, se reconhece como “um marinheiro de primeira viagem”.¹⁷ Por isso, grande ênfase de seu texto se dá sobre as tempestades, os ruídos do barco, as ventanias, e o uso de expressões como “ansiedade”, “solidão”, “melancolia”, “fragilidade”, “escuridão impenetrável” e o “desejo de não estar aqui”.¹⁸ Tudo isso revela sentimentos que o viajante inexperiente passou em sua travessia e que o fizeram adoecer e confessar se arrepender de ali estar. Há uma passagem exemplar em que descreve as condições do navio e seu estado emocional, repleto de medos e inseguranças:

All night the storm continued to agitate and alarm me for the fate of the vessel and her crew – the sailors had had a rough time of it during the bad weather hitherto and were almost knocked up. Capt. English

¹⁶ “I’m not prepared with much matter relating the Brazil – there are good pickings for your mineralogist, ornithologist, botanist, zoologist, conchologist, osteologist”. BELLONS, *Op. Cit.* pp. 116-117

¹⁷ *Idem, Op. Cit.*, p. 1.

¹⁸ *Idem, Op. Cit.*, pp. 4-7.

had never had his clothes off since we left – little sleep and constant anxiety - vessel leaky. [...] I had a thousand fears and the silly ones perhaps not the less troublesome.¹⁹

Para complementar o seu perfil social e cultural, também é possível delinear um pouco do perfil político de Bellon. Embora ao longo do seu relato, trate muito pouco de temas estritamente políticos, há uma passagem na página sessenta em que o viajante se posiciona claramente como monarquista, patriota e conservador: “I love and honour my King and respect all who are under authority to him [...] I hate all Jacobinism, Radicalism and all sorts and shades of Levellism.”²⁰ Embora nem todo aristocrata fosse monarquista e nem todo burguês republicano, é possível desprender dessas palavras que Bellons se alinha, ao menos ideologicamente, à visão de mundo dominante das elites dirigentes da Inglaterra. Todavia, questões fundamentalmente políticas não tocam muito as preocupações do viajante.

Além das diversas dificuldades ao longo do deslocamento, como privação de alimentos, tormentas nos mares, doenças e conflitos interpessoais com os outros tripulantes, os viajantes, ao chegaram em seus destinos, também enfrentavam as diferenças climáticas e inúmeros estranhamentos com a língua e integração com a população local. Alguns conseguiram se adaptar e se acostumar, enquanto outros acabaram se fechando e limitando suas experiências aos espaços “europeizados”.

Todas essas dificuldades são encontradas no relato de Bellons. Embora a diferença climática não seja um fator muito alongado em sua narrativa, ela aparece expressada já no primeiro momento em que aporta na Bahia. Em uma passagem, o viajante escreve que “o sol estava intensamente quente e o céu e o mar brilhavam como uma fornalha”, enquanto os “negros em suas jangadas pareciam confortáveis e davam risada mostrando seus dentes brancos, provocando-me inveja”²¹. Em outra parte, diz: o “sol está excessivo, estou muito desconfortável e sem disposição para dar um relato da *Casa de Pães*, estou ficando torrado muito rápido e sofrendo uma metamorfose, digna de um poeta como Ovídio”.²² Nesse último trecho, acerca da metamorfose, Bellons exemplifica uma

¹⁹ *Idem, Op. Cit.*, p. 08.

²⁰ *Idem, Op. Cit.*, p. 60.

²¹ The sun was intensely hot, and all around – mountain sky – and sea appeared to glow like a furnace – the negroes on the jangadas with scarcely a rag on, seemed to take the heat very coolly, and showed their white teeth in ___ of satisfaction, that provoked my envy, for I felt most uneasy under my trapping”. *Idem, Op. Cit.*, p. 68.

²² The heat was excessive. I was very cross and uncomfortable and not by any means disposed or fit to give an unprejudiced and fair account of the Baking House into which my Fate had none thrust me. I found I

característica que acompanha diversos trechos de sua escrita: o uso de analogias que conectam passagens literárias aos fatos vivenciados e a impressão de um tom que mescla ironia e exagero para conferir maior dramaticidade aos seus sentimentos. Em muitas passagens, esse recurso também acaba servindo para enfatizar seu olhar bastante preconceituoso sobre os lugares e as pessoas que encontra. Ironia, exagero e preconceito também marcaram muitos viajantes europeus no *Grand Tour*, como é o caso, por exemplo do italiano Giuseppe Baretti que, fixado em Londres, visitou Portugal em 1759-1760 e escreveu diversas cartas depreciando a sociedade, as instituições e os costumes portugueses, utilizando-se fartamente de referências literárias como D. Quixote e o inferno de Dante.²³ Nesse aspecto, Bellons e Baretti apresentam semelhanças estilísticas.

Já com relação ao domínio da língua e sua integração, fica evidente pela narrativa de Bellons que ele pouco se relacionou com os locais, ficando boa parte do tempo solitário ou próximo a algum conterrâneo que viera na viagem. Não há quase passagens que atestem tentativas de comunicação com os habitantes da Bahia. Há, inclusive, um trecho em que o autor confessa não conhecer quase nada do português, apesar de carregar um Dicionário-Gramática.²⁴ As poucas expressões da língua portuguesa que apresenta ao leitor são “dinheiro”, “água vai” e “pela janela”, quando descreve o costume de jogar as sujeiras acumuladas nas casas janela afora, apenas alertando os transeuntes com o grito “água vai!”.²⁵

Difícilmente os viajantes conseguiam se livrar de seus preconceitos. Quando partiam para um local exótico, quase sempre já possuíam uma imagem prévia, normalmente estereotipada, e acabavam muitas vezes por reforçar seus aspectos negativos e sensacionalistas. Além disso, cada escritor possui sua própria bagagem, formação e objetivos de viagem, imprimindo em seus textos um ponto de vista atrelado à sua nação, posição política e critérios de civilidade, refinamento e bom gosto. Bellons não é diferente e, mais do que outros ingleses que passaram pelo Brasil em períodos próximos, explicita inúmeros pontos de vista etnocêntricos, preconceituosos, intolerantes e sempre tomando por critério civilizacional a Inglaterra. Em sua passagem por Milford, muito antes de chegar a Bahia, já havia caracterizado os habitantes nativos como

was getting crusty very fast – a metamorphose and want the talent of Ovid to describe I must leave you to conceive it. *Idem, Op. Cit.*, p. 99.

²³ BARETTI, Giuseppe. *Cartas de Portugal*: trad., pref. e anot. por Maria Eugénia de Montalvão Freita Ponces de Leão. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1970.

²⁴ *Idem, Op. Cit.*, p. 94.

²⁵ *Idem, Op. Cit.* p. 75.

grosseiros e incivilizados.²⁶ Quando trata dos povos indígenas do Brasil, não poupa palavras para descrevê-los como demoníacos, bárbaros, incultos e incivilizados, sem qualquer abertura ou tolerância para sua cultura.²⁷

O choque com a escravidão era comum entre os viajantes estrangeiros, porém sua interpretação social é variável. O exemplo mais conhecido é o do naturalista Charles Darwin, que passou pela Bahia e pelo Rio de Janeiro em 1832 e se mostrou estarecido com os maus-tratos, a existência de sociedades baseadas nesse regime e a construção da diferenciação humana construída pelos países “civilizados” ao longo da história. Bellons, alguns anos antes, também viu de perto a escravidão e destacou, em certa passagem, a nudez, o ruído das correntes e os colares de ferro aprisionando alguns negros que carregavam aves, frutas e vegetais. Em seguida, descreve uma cena que considera “caótica”, onde um grupo de “mulatos” trajados em uniformes de soldados apareceriam embriagados, fumando e insultando pobres nas ruas.²⁸ Sobre os negros, o autor diz serem esses “os piores seres possíveis” e os principais responsáveis por assassinatos e roubos.²⁹ Mais à frente, comenta ser esta uma terra onde “cada homem tem suas próprias regras”.³⁰

Embora muitos viajantes afirmassem realizar observações verossímeis e factuais com base na experiência direta, os registros de seus textos nem sempre podem ser confiáveis. Frequentemente, utilizavam de excertos de outros relatos e compilavam informações recolhidas de forma indireta, seja através de um intérprete ou informante. Bellons não é diferente. O viajante dedica boa parte de seu manuscrito sobre a história do Brasil, especialmente dos dois primeiros séculos de colonização, porém não faz nenhuma referência explícita da bibliografia consultada. Possivelmente, as principais fontes para a descrição histórica de Bellons são advindas do primeiro volume da *História do Brasil*, do inglês Robert Southey, publicadas entre 1810 e 1819, e *A history of Brazil* (1821), de James Henderson. Essa suposição se dá pelo fato desses dois livros serem, naquele momento, os mais conhecidos na língua inglesa sobre a história do Brasil, além da obra de Henderson também ser citada por Bellons, ainda que para criticá-lo.

²⁶ *Idem, Op. Cit.*, p. 10.

²⁷ *Idem, Op. Cit.*, p. 149-152.

²⁸ *Idem, Op. Cit.*, p. 103.

²⁹ They are decidedly the worst set of beings in the Brazil, and in nine instance out of ten, the perpetrators of every dark deed of assassination, murder and robbery, which are too common in that fine country to make it an agreeable or safe asylum to anyone who shall bestir himself in its interest and behalf. *Idem, Op. Cit.* p. 104.

³⁰ *Idem, Op. Cit.*, p. 105.

Já em um trecho em que aborda a chegada ao Brasil, é possível entrever sua preocupação em afirmar para os leitores que é um coletor de informações *in situ*, tal como um “verdadeiro viajante”, demonstrando preciosismo, no caso, sobre datas e horários:

It was 5 o'clock PM at least, before I set foot upon land, and as before mentioned, on the 30th day of March, a Tuesday after a passage of 59 days – there is no mistake in this, for it is taken from memoranda and actually made upon the spot in the true travellers style.³¹

Um aspecto textual notável na descrição de Bellons é a considerável desproporção de espaços dedicados aos períodos históricos. Para o período que vai do “descobrimento” até o fim da União Ibérica, o viajante utiliza largo espaço, desde a página 120 até a 251. A narrativa segue tópicos como a chegada de Pedro Álvares de Cabral, o contato entre portugueses e índios, o naufrágio da expedição de Diogo Correa e lenda do Caramuru, a invasão dos franceses, a polêmica acerca do título do descobrimento envolvendo Cabral e o espanhol Vicente Pinzón, o cultivo do açúcar, a criação das Capitanias e o estabelecimento do Governo-Geral, a nudez e os costumes indígenas, o desaparecimento do rei D. Sebastião, a União Ibérica e a ocupação holandesa. Já nas onze últimas páginas, menciona de forma bastante breve o fim da União, o Terremoto de Lisboa, a invasão napoleônica de Portugal e vinda da família real, a independência do Brasil e promulgação da Constituição de 1824.

Essa desproporção permite levantar a hipótese de que Bellons só conseguira acessar bibliografia mais detalhada referente aos dois primeiros séculos de colonização, ignorando todo o resto. Esse período está bem pormenorizado no primeiro volume da *História do Brasil*, de Southey. Já o livro de Henderson – *A history of Brazil* -, embora dedique um capítulo à história que parte de 1500 e vai até a chegada da família real em 1808, é bastante panorâmico, ocupando-se a maior parte de fazer descrições geográficas, populacionais, comerciais e econômicas de cada província. Nesse caso, diante das limitações bibliográficas no seu contexto de escrita, Bellons acabaria acelerando a narrativa para finalizar a parte histórica de seu relato.

Apesar do grande número de páginas dedicadas à história, existe momentos que o autor interrompe a descrição do passado para promover reflexões em torno de temas correlatos. Há, por exemplo, uma boa parte de páginas estabelecendo comparações entre

³¹ *Idem, Op. Cit.*, p. 98-99.

as mulheres brasileiras e as inglesas, outras sobre a natureza da união entre homens e mulheres na forma de casamento e outras em que faz exercícios de livre reflexão e memória com base em fatos vivenciados no passado em sua terra natal.

Além disso, a descrição histórica também é apropriada livremente por Bellons para que ele a ilustre e estabeleça analogias com passagens literárias. É o que ocorre quando descreve, por exemplo, os primeiros anos de colonização, quando aportaram na Bahia barcos com o Governador-Geral Thomé de Souza e mais jesuítas, fazendeiros, comerciantes e degredados, seguidos dois anos depois por suas esposas. Bellons faz um paralelo desses casamentos arranjados com a peça *Megera Domada*, de William Shakespeare, onde os personagens vivem conflitos de submissão na relação marido-esposa, sendo as mulheres subjugadas aos seus maridos.³² Desse modo, independente do grau de comprometimento empírico com os documentos históricos, Bellons acaba trazendo um autêntico retrato da formação da sociedade patriarcal nos primeiros anos de colonização.

Conclusão

Embora o relato de Boniface Bellons se intitule *Description of a Voyage to Bahia*, o que fica evidente de sua leitura é que o viajante-escritor tende a informar muito mais sobre ele e seu contexto do que sobre os locais que visitou. As impressões, destaques e juízos de Bellons indicam uma série de visões de um ponto de vista aristocrático, anglo-centrado, etnocêntrico e pouco curioso pelos costumes estrangeiros. Bellons acaba se atendo mais ao seu redor imediato, as dificuldades e sentimentos em um cotidiano difícil de navio, certamente hostil a “marinheiros de primeira viagem”. Ao aportar na Bahia, parece travar poucas relações e não apresenta descrições dos lugares, o que indica pouca mobilidade e pelo novo mundo que se apresenta. Por outro lado, discorre ao longo de várias páginas sobre a história da colonização e entrelaça alguns de seus episódios com o seu repertório literário e cultural previamente acumulado, reforçando seu interesse histórico-literário.

É preciso considerar que a imagem produzida pelo conjunto dos relatos de viajantes constitui um importante referencial teórico para construção da identidade do Brasil, tanto no estrangeiro quanto dentro do país. A Bahia e o Brasil, inserem-se assim

³² *Idem, Op. Cit.*, pp. 145-158.

na rota dessas viagens, sejam científicas, eruditas, de lazer ou de aventura do século XIX. Ao escreverem, motivados pelo fator viagem, certamente acabaram por instituir inúmeros elementos que compõe as representações do mundo não-europeu. Acrescentaria também, que além desse mundo não-europeu, acabaram também por instituir muito sobre a Europa e, no caso de Bellons, a Inglaterra oitocentista.

Bibliografia

ABDALLA, Frederico Tavares de Mello. A Arte de Viajar: erudição e ciência na literatura de viagens sobre Portugal de finais do século XVIII e início do XIX. Tese de Doutora, Casa de Oswaldo Cruz, 2017.

BACON, Francis. Of Travel. In: Essays of Francis Bacon, edited by Mary Augusta Scott, New York, 1908.

BARETTI, Giuseppe. Cartas de Portugal: trad., pref. e anot. por Maria Eugénia de Montalvão Freita Ponces de Leão. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1970.

CRISTÓVÃO, Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens. Edições Cosmos, Lisboa, 1999.

ILLIFFE, Robert. Foreign Bodies. Travel, Empire and the Early Royal Society of London. Canadian Journal of History, XXXIII, 1998, pp. 357-385.

RUBIÉS, Joan-Pau. Travel writing as a genre: facts, fictions and the invention of a scientific discourse in early modern Europe. The International Journal of Travel and Travel Writing, 5 (33), 2000.

VERHOEVEN, Gerrit. Calvinist Pilgrimages and Popish Encounters : religious identity and sacred space on the Dutch Grand Tour (1598-1685). Journal of Social History, Vol. 43 no. 3, 2010.

I left Liverpool on Sunday, the first of Feb^r 1821, in the Brig, Golden Fleece, Thomas, English Master bound for Bahia, in the Brasil. Several vessels left Liverpool at the same time. one, the Christopher Captain Doyle, destined for the same Port, and it proved a matter of interest & speculation to many on shore as well as on board, which vessel would complete her voyage first. both had much the same character for sailing - if any thing, the Fleece was the favourite

I had never been to sea before & had a very confused notion as to what ^{might} betide our expedition, but was told the wind we started with would carry us clear of the Channel & then all would go on pleasantly for the remainder of the voyage - This was the first time too I had left "Home" with the prospect of being absent from it for a longer period than a few weeks - my sum
of